



A identidade e os motivos deste incrível assassino permanecem hoje tão intrigantes como na época em que ele cometeu suas sangrentas façanhas, há 85 anos

Eterno Mistério de “Jack, o Estripador”

NA MADRUGADA de 31 de agosto de 1888, um assassino surgiu do *fog* de Londres, retalhou uma mulher até a morte, mutilou o cadáver e desapareceu. Nas dez semanas seguintes, voltou a atacar por quatro vezes, de maneira sempre mais ousada e sanguinária. Finalmente sumiu — e nunca mais se ouviu falar dele.

Nunca se soube quem era o assassino «Jack, o Estripador», a razão por que matava e como escapou, e, nestes 85 anos, sua

Condensado de ARGOSY
JAMES STEWART-GORDON

história vem se tornando a mais impenetrável charada criminal de todos os tempos, mantendo aceso o interesse de muitos criminologistas, teatrólogos, romancistas, leitores, videntes, advogados e médicos fascinados pela morbidez da narrativa. Mais de cem livros, dez filmes e várias óperas já foram produzidos sobre o Estripador. Um romance a respeito, *The Lodger*, publicado em 1913, alcançou até agora 31 edições, foi traduzido em dezoito línguas e filmado cinco vezes.

Quando os crimes começaram, a Rainha Vitória já estava em seu trono havia 51 anos. O Império Britânico se estendia de um pólo a outro da Terra, e Londres, sua capital, com quatro milhões de habitantes, era uma cidade sem par. De seu centro financeiro, os banqueiros exploravam ferrovias na América do Sul, minas de ouro na África e estâncias na América do Norte. Por todo o Strand e o Haymarket, à noite, os lampiões a gás refulgiam nas cartolas dos elegantes e nos diamantes de suas mulheres.

Mas na congestionada East End, de Whitechapel e do centro comercial, a pobreza, o vício e a depravação eram tão grandes que a Londres vitoriana passava por ser o lugar mais corrompido da Terra. Nestes 750 metros, infestados de tabernas baratas, bordéis, vagabundos e ladrões, abrigava-se o matadouro de Jack, o Estripador.

A primeira vítima de Jack foi Mary Anne «Polly» Nicholls. Sen-

tindo a garganta seca e querendo se divertir um pouco, Polly abandonou o marido e cinco filhos, e foi dar uns giros pelos bares de Whitechapel. Com 42 anos, Polly estava longe de ser bonita e, naquela noite, tinha sido despejada pelo senhorio por não poder pagar os quatro *pence* de aluguel.

Estava encostada a um poste, na esquina do bordel, à espera de um cliente, quando Jack, o Estripador saiu das sombras. Conversaram algo aos sussurros. Então, Polly e seu acompanhante empuçado deixaram a rua iluminada e se dirigiram para uma viela escura. De repente, ao invés do terno abraço, uma férrea mão se fechou sobre a sua boca, impedindo-a de gritar. Uma lâmina atingiu-lhe brutalmente a garganta e ela caiu sobre a calçada, onde o silente Jack lhe levantou as saias, retalhou-a no abdômen e desapareceu dentro da noite. Era a primeira demonstração de um estilo que Jack exercitaria nas dez sangrentas semanas seguintes.

Atacou de novo oito dias depois. A vítima foi Annie Chapman, uma viúva de 47 anos que, naqueles tempos difíceis, se tornara alcoólatra e meretriz. O corpo de Annie, ainda quente, foi encontrando às seis da manhã num quintal, a garganta cortada de forma tão profunda que a cabeça estava praticamente decepada, e além disso, o útero, os ovários e um rim lhe haviam sido extirpados. A alguns metros do local, foi encontrado um

avental de couro, do tipo usado por sapateiros e açougueiros — possivelmente utilizado por Jack para protegê-lo do sangue de sua vítima.

Embora a violência fosse comum em Whitechapel, a selvageria dos crimes e a absoluta falta de pistas provocaram calafrios e pavor em toda a Londres. Mesmo no sofisticado West End, onde o Estripador nunca atacou, as mulheres se recusavam a sair à noite. E, no apinhado East End, as tavernas agora vazias começaram a abrir falência.

A polícia destacou homens extras para cobrir a área, e os habitantes da região formaram o Comitê de Vigilância de Whitechapel, oferecendo recompensa para qualquer pista que conduzisse ao assassino. A Rainha Vitória (ciente dos menores detalhes do que se passava em seu Império) exigiu do Primeiro-ministro Lord Salisbury que fizesse a polícia encontrar o assassino.

Então, no fim de setembro, o criminoso ganhou um nome. Uma carta num envelope em branco chegou ao escritório da Agência Central de Informações, e logo provocou comentários em todos os jornais do Império Britânico. Dizia, em parte: «Estou atacando essas prostitutas, e só deixarei de estripá-las se for apanhado.» Estava assinada: *Jack, o Estripador*.

E essa altura, a confusão reinava na Scotland Yard. Policiais disfarçados de mulheres de vida fácil se espalharam pelas ruas de White-

chapel, servindo de isca. Os estudantes de Oxford e Cambridge, dedicando-se à assistência social no East End, organizaram-se em patrulhas e juntaram-se à caçada. Vários deles foram tomados pela polícia como suspeitos, e alguns policiais disfarçados foram corridos pelos habitantes de Whitechapel, como espiões ou coisa pior. Mas ninguém encontrou qualquer pista.

Numa tentativa de aplicar métodos científicos, a polícia fotografou as pupilas dos olhos do cadáver de Annie Chapman, na esperança de que tivessem retido a imagem de sua última visão. Mas não encontraram nada. Dois cães policiais, Burgho e Barnaby, entraram em ação. Numa caçada simulada, para adestrá-los com policiais servindo de presa, os cães farejaram, uivaram e acabaram abocanhando dois estranhos que nada tinham a ver com a história. Em outra caçada simulada, em Tooting Common, no sudoeste de Londres, eles se perderam no *fog* e teve a polícia que sair atrás deles. A caçada ao Estripador prosseguiu sem a ajuda dos cães.

Na manhã de 30 de setembro, o Estripador atacou mais duas vezes. Sua primeira vítima desta vez foi «Long Liz» Stride, uma prostituta alta e desajeitada. Um leiteiro a encontrou à uma da manhã, quando passou com sua carroça pelos fundos de um clube em Berner Street. Ainda sangrava o corte produzido pela lâmina que tinha sido utilizada pelo assassino.

Trinta minutos depois, o Estrangulador atacou uma segunda vítima, Catherine Eddowes. Naquela noite, ela começou a beber bem cedo, e logo foi levada para um distrito em Bishopsgate, a fim de se recuperar. Era um sábado, e as celas ficavam rapidamente cheias de bêbados. O guarda recebeu ordens de liberar os mais sóbrios. Catherine foi dos que puderam ir embora.

Vagou pelas ruas até a uma da manhã e, em algum ponto de seu caminho, da polícia até Mitre Square, encontrou Jack. À uma e quarenta e cinco, um vigia policial, fazendo sua ronda, encontrou o corpo de Catherine. Seu rosto tinha sido horrivelmente mutilado, a garganta cortada e o rim esquerdo e quase todas as vísceras extirpados e jogados fora. Jack, o Estripador tinha cometido ambos os crimes a bem dizer no nariz de seus perseguidores, desaparecendo em seguida sem deixar vestígios.

Antes que as notícias se tornassem públicas, o Estripador escreveu de novo à Agência Central de Informações. Sua carta dizia que ele tinha sido interrompido durante o primeiro «evento», o que o obrigara a um segundo, para tentar cumprir a promessa feita numa carta anterior, de «arrancar as orelhas de uma mulher e enviá-las à polícia». A carta estava escrita com tinta vermelha.

O duplo assassinio provocou protestos, não só dos habitantes do East End (inclusive uma petição assinada por quatro mil mulheres

e enviada à Rainha) mas de toda parte. As condições deploráveis dos pobres e o total fracasso da polícia puseram abaixo o governo. A Rainha, enfurecida, mandou uma carta ao Ministro do Interior, sugerindo-lhe que se demitisse ou coisa parecida. Whitechapel tornou-se um formigueiro de vigilantes e policiais. Milhares de cartas chegavam à Scotland Yard, escritas por pessoas que se diziam Jack.

Durante quase seis semanas, Jack o Estripador não apareceu. Mas não tinha ainda terminado sua obra. O dia 9 de novembro estava úmido e enevoado e, às dez e quarenta e cinco da manhã, um cobrador de aluguéis bateu à porta do número 13 da Miller's Court, a miserável casa de cômodos onde vivia Mary Jeanette Kelly, uma prostituta de 24 anos. Como não houve resposta, o cobrador, habituado às tentativas de fuga da inquilina, foi a uma janela lateral, afastou a cortina ensebada e entrou. O que ele viu o fez sair correndo, a gritar pela polícia. Os restos de Mary Kelly jaziam em cima da cama. Sua cabeça estava quase separada do resto do corpo. O coração tinha sido colocado sobre o travesseiro e as vísceras estavam penduradas na moldura de um quadro.

Com a morte de Mary Kelly, os crimes atribuídos a Jack, o Estripador chegaram ao fim. E o mistério sobre sua identidade começou a assumir proporções que iriam fazer do caso o maior mistério policial de todos os tempos.

A princípio, pensou-se que o sinistro Jack fosse um dos açougueiros ou empregados dos matadouros de Whitechapel, que conheciam bem o bairro, ou alguém que tivesse um esconderijo ali perto, onde pudesse trocar rapidamente a roupa manchada de sangue. Um sapateiro da região, chamado Pizer, foi preso por causa da morte de Annie Chapman, mas, embora possuísse muitas facas afiadas, tinha também um álibi irrecusável quanto à hora em que o crime fora cometido.

Mais tarde se pensou que Jack fosse um elegante cavalheiro de algum bairro chique de Londres, provavelmente um médico. Passou-se a procurar um misterioso cirurgião de Harley Street cujo filho tinha contraído doença venérea de uma prostituta (e que, por isto, estaria se vingando).

Entre as centenas de outros suspeitos, naquela ou em outras épocas, contam-se: o Duque de Clarence, neto da Rainha Vitória; o primo da romancista Virginia Woolf; um jovem advogado demente que cometeu suicídio; o Dr. Neill Cream, o envenenador que morreu na forca em Chicago, em 1892, e cujas últimas palavras, interrompidas pela corda, foram «eu sou Jack...»; um barbeiro polonês, de incríveis maus

bofes, que foi enforcado por ter envenenado suas mulheres; membros da polícia secreta czarista, enviados para matar mulheres a fim de confundir a Scotland Yard. Até hoje, todas as teorias elaboradas apresentam uma ou mais falhas, que acabavam eliminando-as de cogitação mais séria.

Seja ou não estabelecida a identidade do Estripador, sabem-se, com certeza, algumas coisas sobre ele: nenhuma de suas vítimas foi violada; matava sempre na lua-nova; tinha conhecimentos de cirurgião ou de açougueiro; todas as suas vítimas eram prostitutas; e todas foram mortas entre meia-noite e cinco da manhã, numa área de quinhentos metros, habitada por milhares de testemunhas possíveis.

Entre as perguntas que ainda se fazem sobre o caso, nenhuma é mais intrigante do que esta: como o maníaco assassino conseguia realizar suas sangrentas façanhas, e depois escapar sem deixar vestígios? Curiosamente, quem ofereceu a solução mais razoável foi Sir Arthur Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, contemporâneo literário de Jack, o Estripador. Disse Sir Arthur: «Realizou todas as suas fugas vestido de mulher.» Mas, como sempre, não há nenhum elemento para nos permitir comprovar esta teoria.



EM VISITA a uma amiga, encontrei-a colocando anúncios eleitorais no portão da sua casa. «Não pense que vou votar neles», ela me avisou confidencialmente. «É que esses cartazes são os únicos bastante grandes para impedir que o cachorro passe por um buraco no portão.» — B. B.